

Lição 6: Conhecimento dos princípios imediatos

“ a25. Ora, visto que o necessário— a28. pela causa de uma— a33. Ora, ninguém pode acreditar a36. é preciso acreditar nos— atributo— a38. não deve apenas ter

Depois de mostrar o que são os princípios imediatos, o Filósofo agora determina acerca do nosso conhecimento deles. A respeito disso, faz duas coisas. Primeiro, mostra que os princípios imediatos são mais conhecidos do que a conclusão. Segundo, que a falsidade de seus contrários deve ser mais evidente (72a38).

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro (72a25), enuncia sua proposição e diz que, porque damos nosso assentimento a uma coisa que foi concluída e a conhecemos cientificamente precisamente porque temos um silogismo demonstrativo (e isto na medida em que conhecemos o silogismo demonstrativo de modo científico), é necessário não apenas conhecer os primeiros princípios da conclusão de antemão, mas também conhecê-los melhor do que conhecemos a conclusão.

Ele acrescenta "ou todos ou alguns", porque alguns princípios exigem prova para serem conhecidos; de modo que, antes de serem provados, não são mais conhecidos do que a conclusão. Assim, o fato de que um ângulo externo de um triângulo é igual aos seus dois ângulos internos opostos é, até ser provado, tão desconhecido quanto o fato de que um triângulo tem três ângulos iguais a dois ângulos retos. Mas há outros princípios que, uma vez colocados, são mais conhecidos do que a conclusão. Ou, de outra forma, há algumas conclusões que são muito evidentes; por exemplo, aquelas baseadas na percepção sensível, como que o sol está eclipsado. Daí o princípio pelo qual isso é provado não ser mais conhecido absolutamente — sendo o princípio que a lua está entre o sol e a terra — embora seja mais conhecido dentro do processo de raciocínio que vai da causa ao efeito. Ou, de outra maneira, ele diz isso porque havia dito acima que, na ordem do tempo, certos princípios são conhecidos antes da conclusão, mas outros são conhecidos junto com a conclusão no mesmo momento.

Segundo (72a28), prova sua proposição de duas maneiras: primeiro, com um argumento ostensivo, assim: Aquilo em virtude do qual algo é assim, é ele mesmo mais assim; por exemplo, se amamos alguém por causa de outro, como um mestre por causa de seu discípulo, amamos mais o discípulo. Mas conhecemos conclusões e damos nosso assentimento a elas por causa dos princípios. Portanto, conhecemos os princípios com maior convicção e lhes damos um assentimento mais forte do que à conclusão.

A propósito desta razão, deve-se notar que uma causa é sempre mais nobre que seu efeito. Quando, portanto, causa e efeito têm o mesmo nome, esse nome é dito principalmente da causa e não do efeito; assim, o fogo é chamado primariamente de quente, e não as coisas aquecidas pelo fogo. Mas às vezes o nome do efeito não é atribuído à causa. Nesse caso, embora o nome que o efeito tem não pertença à causa, no entanto, algo mais nobre lhe pertence. Por exemplo, embora o sol não possua calor, no entanto, há nele um certo poder que é o princípio do calor.

Então (72a33), prova a mesma coisa com um princípio que leva a uma impossibilidade. Ele raciocina assim: Os princípios são conhecidos antes da conclusão, como foi mostrado acima; conseqüentemente, quando os princípios são conhecidos, a conclusão ainda não é conhecida. Se, portanto, os princípios não fossem mais conhecidos do que a conclusão, seguir-se-ia que um homem conheceria coisas que não conhece tão bem ou melhor do que as coisas que conhece. Mas isso é impossível. Portanto, também é impossível que os princípios não sejam mais conhecidos do que a conclusão.

Frase por frase, isso é explicado da seguinte maneira: "Um homem que conhece cientificamente ou mesmo aquele que conhece de um modo superior a este, se tal existir" (ele diz isso, tendo em mente a pessoa que tem a intuição dos princípios, um estado que ainda não explicou), "não pode dar mais crédito a coisas que não conhece do que a coisas que conhece. Mas este será o caso se aquele que dá assentimento a uma conclusão obtida através de demonstração não tiver pré-conhecimento", i.e., não conhecesse os princípios melhor. Em grego, é declarado mais claramente: "Mas ninguém, seja que tenha conhecimento científico ou aquela forma de conhecimento que é melhor que o científico (se tal existir), pode acreditar em algo mais firmemente do que nas coisas que conhece."

Em terceiro lugar (7206), ele esclarece o que havia dito, afirmando que sua declaração de que é mais necessário crer nos princípios (seja todos, seja alguns) do que na conclusão deve ser entendida como referindo-se a alguém que adquirirá uma disciplina por meio da demonstração. Pois, se a conclusão fosse mais conhecida por alguma outra fonte, como a percepção sensorial, nada impediria que, nesse caso, os princípios não fossem mais conhecidos do que a conclusão.

Em seguida (72a38), ele mostra que não é apenas necessário conhecer os princípios mais do que a conclusão demonstrativa, mas nada deve ser mais certo do que o fato de que os opostos dos princípios são falsos. E isso porque o conhecedor científico não deve descrever dos princípios, mas assentir a eles da forma mais firme. No entanto, qualquer um que duvida da falsidade de um dos dois opostos não pode assentir firmemente ao outro, pois sempre temerá que o oposto possa ser verdadeiro.